



FOTOS: PEDRO RODRIGUES/AGÊNCIAS



Rui Calçada Bastos trouxe para a BF16 imagens de *Interruptions* e *Imperfections*, uma série de regras e exceções, que está no museu do Neorrealismo. À esquerda, *Concreto Armado*, a exposição de José Pedro Cortes, que está num local inesperado: o Clube Vilafranquense

O percurso da BF16



1. Pavilhão Multiusos
Vitor Pomar
2. Casa na R. João de Deus
Daniel Blaufuks
3. Hostel DP
Eduardo Matos
4. Escadaria - Salão Nobre da C. M. V. Franca de Xira
Rodrigo Oliveira
5. Fábrica das Palavras
(Biblioteca Municipal)

6. Flor do Tejo Bar,
Rua do Cais
André Sousa, Cem Raios t'Abram
e Von Calhau!
7. Museu Municipal
Ana Rito, João Onofre
e João Tabarra, Mumtazz +
Fernando Lemos, Pauliana
Valente Pimentel,
Rui Toscano e Vasco Araújo

8. Mercado Municipal
João Paulo Feliciano
9. Museu do Neorrealismo
António Júlio Duarte,
Catarina Botelho, João Grama,
Nuno Cera, Rui Calçada Bastos
e Susana Mendes Silva
10. Galeria Paulo Nunes
Mónica de Miranda
11. Casa na Rua Dr. Miguel
Bombarda, 161

12. Café Puro
Left Hand Rotation
13. Clube Vilafranquense
José Pedro Cortes
14. Casa na Rua
Sacadura Cabral, 26
Júlia Ventura
15. Lezíria Parque Hotel
Luísa Baeta

Todas as lentes vão dar a Vila Franca de Xira. Chegou a Bienal de Fotografia

Percurso. Até 22 de fevereiro, 15 locais da cidade mostram o trabalho de 30 artistas portugueses em lugares convencionais ou originais

LINA SANTOS

Quinze exposições, 30 artistas, cinco encomendas específicas para a cidade. Olhe-se para onde se olhar, até 22 de fevereiro vai ser impossível estar em Vila Franca de Xira e não ver a Bienal de Fotografia, que abriu as suas portas ontem.

O mapa que estará em cada um dos seus lugares propõe arrancar o percurso no pavilhão multiusos, abrigo de Vitor Pomar, mas a visita começa na Fábrica das Palavras, cenário perfeito para o tema da Bê--Efe, como lhe chamam: Arquivo e Observação.

David Santos, atual subdiretor de museus da Direção-Geral do Património Cultural e natural de Vila Franca de Xira, assumiu a curadoria-geral da Bienal de Fotografia, e a opção de espalhar o evento por toda a cidade, novidade desta 13.ª edição. Dos lugares convencionais, como os museus – o Municipal e o do Neorrealismo, que o curador dirigiu – aos sítios fora da caixa: casas para venda, um clube privado, hotéis, o mercado...

Com ele trabalharam os curadores Margarida Mendes (The Barber Shop) e Bruno Leitão (Hangar). "A pluralidade é o que nos interessa", diz David Santos. "Provocar o observador nas várias dimensões que os artistas trabalham."

Dos 30 artistas selecionados "com o intuito de projetar um diálogo prolífico com a cidade", cinco produziram de propósito para a BF16: José Pedro Cortes, Júlia Ventura, Patrícia Almeida, Daniel Blaufuks e José Maças de Carvalho, que ficou na biblioteca. A primeira fotografia de Maças de Carvalho está

à altura do primeiro piso, mas com boa visibilidade desde o rés-do-chão. É uma parede de livros, simétrica. "Remete para o lugar onde estamos", nota o curador. Mas há outras camadas de leitura, explica. Como a sequência de cores que se vê na imagem, e funciona como a paleta de cores de um artista. A esta imagem seguem-se outras seis espalhadas pelos vários pisos da biblioteca. Algumas obrigam o visitante a aproximar-se

para entender o que se passa, outra é uma citação da fotógrafa alemã Candida Höfer: um arquivo vazio à espera de ser preenchido, com uma presença humana em posição ascendente.

Maças de Carvalho, 56 anos e uma carreira em que se somam as abordagens à temática do arquivo, fala dela até numa fotografia a uma ampliação de *Gioconda*, "o ícone maior da história da arte, presente em todos os momentos", diz David Santos.

Antes de deixar a Fábrica das Palavras, paragem no auditório, onde, aos sábados, se projeta *Le Boudin*, de Salomé Lamas, um filme de 16 minutos (2014).

Dois horas de percurso

O curador-geral estima que o percurso dure cerca de duas horas. A Câmara de Vila Franca de Xira investiu 80 mil euros, dados do vice-presidente da câmara municipal, Fernando Paulo Ferreira, e da diretora do departamento de Cultura, Fátima Faria Roque, fornecidos notando que estas contas não estão fechadas. Seguimos para os Paços do Concelho onde está uma solitária fotografia de Rodrigo Oliveira, pensada há muito pelo curador: a do homem que segura várias luzes



David Santos, atual subdiretor da DGPC, assume a curadoria-geral da Bienal



fosforescentes, em equilíbrio instável. “A peça é uma citação de uma citação, como a política é uma citação de uma citação.”

O percurso segue até ao número 10/12 da Rua João de Deus, uma casa para venda, como se anuncia na fachada. David Santos diz que pensou nela para Daniel Blaufuks, garante que não disse nada, mas é o artista que aqui está, numa casa térrea, com tinta a descascar nas paredes, instalações elétricas à vista, revestimentos antiquados. É uma casa do início do século XX, semelhante a muitas outras da zona, que Blaufuks encheu com fotografias de pequena dimensão da série *Léxico* em *passe-partouts* de época.

A caminho do Museu Municipal, paragem no mercado, um desses lugares “detonadores da participação das pessoas”. O artista João Paulo Feliciano mostra cerca de 50 imagens da série *Xabregas City*, compiladas em Marvila, onde tem o seu estúdio.

Ato seguinte, estamos no Museu Municipal, casa dos artistas Ana Rito, João Onofre, João Tabarra, Mumtaz+Fernando Lemos, Rui Toscano, Vasco Araújo e Pauliana Valente Pimentel, que, no local, explica à imprensa *The Passenger*, a série da qual foram retiradas as seis imagens de 17 que traz à BF16. Resultam de uma viagem financiada pela União Europeia, que passou por países como Estónia, Letónia, Lituânia. A artista, finalista do prémio Novo Banco Photo deste ano, diz que “foram encontros fugazes, a correr, mas mesmo assim consegui captar os momentos”.

O bidimensional de Cortes

Derradeira paragem: o barroco salão de festas do Clube Vilafranquense com palco, paredes com molduras salientes, candelabros e espelhos. Tudo tridimensional, e um desafio para José Pedro Cortes, que aqui mostra *Concreto Armado* – um jogo que envolve a palavra brasileira para cimento e o armado, sinónimo de cenografia. As suas fotos desafiam o 3D do lugar para o qual escolheu “aquelas [imagens] em que o lado visceral dos materiais vinha ao de cima”. Há placas verticais espalhadas e, sobre elas, as suas fotografias numa escala irreal. “Tinha de encontrar um dispositivo que arquitetonicamente mostrasse uma intervenção minha”, nota. É o que explica também que tenha usado vários extensores para “esconder a sala”.

O percurso proposto termina noutro lugar improvável: o hotel Lezíria Parque, onde Luísa Baeta, vencedora do prémio de 2014, expõe em nome individual. A exposição com os dez finalistas (entre 93), deste ano, é inaugurada no dia 19 de novembro no Celeiro da Patriarcal. As mostras dos candidatos aos prémios temáticos, Tauromaquia e Concelho de Vila Franca de Xira, acontecem entre 4 de fevereiro e 19 de março de 2017.